

Gabriela Galvão Braga Furtado
Silvia Marques

VII ENCONTRO NACIONAL SOBRE O ENSINO DE SOCIOLOGIA NA
EDUCAÇÃO BÁSICA

GT 17 – ‘Nossa voz, nova vez!’: Educação das Relações Étnico-raciais no
Ensino de Sociologia

**O documentário “Preparos de Fé” como experiência estética e educativa em
comunidade quilombola no Amapá**



São Paulo, SP
2025

O DOCUMENTÁRIO “PREPAROS DE FÉ” COMO EXPERIÊNCIA ESTÉTICA E EDUCATIVA EM COMUNIDADE QUILOMBOLA NO AMAPÁ

Gabriela Galvão Braga Furtado ¹
Sílvia Marques ²

RESUMO

Este artigo propõe uma reflexão sobre o papel do ensino de sociologia na formação de olhares críticos e sensíveis sobre a realidade amazônica, a partir da experiência estética de um grupo de estudantes de uma escola quilombola no Amapá ao assistir ao documentário “Preparos de Fé”, buscou-se estudar a cultura a partir da realidade local, integrando essa vivência ao componente curricular do ensino médio. Partimos da necessidade de reelaborar as percepções historicamente construídas sobre as Amazônias, território plural e ancestral, marcado por expropriações simbólicas e materiais. Nesse processo, defende-se que a educação da cultura visual pode funcionar como ferramenta epistemológica e pedagógica para ressignificar visualidades e comportamentos, contribuindo para o acesso e a participação dos sujeitos na construção de narrativas sobre seus territórios. Dialogamos para tais reflexões com autores como Hernández (2007), Martins (2010), Ailton Krenak (2019), Nego Bispo (2015), Conceição Evaristo (2017), Carlos Walter Porto-Gonçalves (2006), Bruno Malheiros (2021), Paes Loureiro (2019) e Marques (2025), o texto propõe uma articulação entre sociologia, visualidade e educação contextualizada como possibilidade de resistência, reconhecimento e reexistência.

Palavras-chave: Amazônia, Cultura, Educação, Sociologia

INTRODUÇÃO

O ensino de Sociologia possui um potencial crítico para desconstruir visões naturalizadas sobre cultura e identidade. Esse potencial é especialmente relevante nas regiões amazônicas, onde persistem representações distorcidas e práticas de violência simbólica e material contra seus povos e territórios. Ao tratar as Amazônias como territórios plurais — simbólicos, existenciais e culturais —, é possível desafiar os paradigmas eurocentrados ainda presentes nos currículos escolares.

Nesse contexto, o ensino de Sociologia tem a tarefa ética de promover uma educação comprometida com a justiça social, o reconhecimento da diversidade e a formação de um olhar sensível. Para tanto, este artigo parte da necessidade de incorporar o conhecimento local às

¹ Mestranda em Sociologia (ProfSocio) da Universidade Federal do Amapá - UNIFAP, Parda, Feminino, Macapá/AP, g.galvao22.gg@gmail.com;

² Docente da Universidade Federal do Amapá - UNIFAP, Parda, Feminino, Macapá/AP, silvam@unifap.br.

práticas curriculares de uma escola quilombola do Distrito da Pedreira, localizada na zona rural de Macapá-AP.

O Distrito da Pedreira, local de uma diversidade de comunidades quilombolas, é um território historicamente ocupado, sendo central para a preservação da identidade das populações tradicionais do Amapá. A identidade cultural tornou-se uma ferramenta essencial para a identificação de grupos sociais e suas lutas, especialmente em uma sociedade que frequentemente apaga suas narrativas históricas (Custódio; Souza; Almeida, 2019). Portanto, compreender o lugar social dos membros dessas comunidades é fundamental para promover uma educação quilombola pública e de qualidade, inter-relacionando ciência, educação e saberes tradicionais.

A atividade pedagógica propôs o uso do documentário experimental *Preparos de Fé*, dirigido pela Prof^a Dr^a Silva Marques (UNIFAP), que retrata a festa de São José celebração tradicional vivenciada também pelos estudantes da escola na comunidade Abacate da Pedreira. Por meio da experiência estética da visualidade, busca-se captar as vivências dos discentes e valorizar os aspectos socioculturais amazônicos.

A abordagem da cultura visual buscar esclarecer como os processos e articulações sociais se manifestam por meio de sistemas simbólicos que possibilitam uma visão crítica e autocrítica da realidade (Martins, 2010). Funciona aqui como ferramenta epistemológica e pedagógica, promovendo o acesso dos sujeitos à construção de narrativas sobre seus territórios e ressignificando comportamentos e visualidades. Essa proposta foi desenvolvida a partir das discussões nas aulas de “Metodologia de Ensino” do Mestrado Profissional em Sociologia (ProfSocio), com o intuito de ampliar e diversificar a prática docente a partir das experiências de vida dos próprios estudantes.

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

A metodologia adotada é a experiência estética, entendida como meio de ampliar e expandir a subjetividade, ao promover uma abertura para a arte e a vida (Pereira, 2012). A proposta visa captar as vivências dos estudantes em sala de aula, a partir da exibição de um filme amazônida.

Inicialmente, foram trabalhados os conceitos de Cultura e Identidade, em diálogo com o Referencial Curricular Amapaense (RCA, 2020), no campo das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, que aborda a cultura como elemento de organização social.

O documentário foi exibido para uma turma de terceira série do Ensino Médio da Escola Quilombola Estadual Daniel de Carvalho. Após a exibição, os estudantes participaram de uma roda de conversa para compartilhar suas percepções sobre o que mais os tocou — seja uma imagem, cena, som, fala ou sensação provocada. Alguns estudantes tiveram dificuldade de narrar oralmente sua experiência, assim alguns optaram por escrever no papel um breve relato. A identidade dos participantes foi preservada, garantindo respeito à privacidade.

DESENVOLVIMENTO/REFERENCIAL TEÓRICO

As transformações no comportamento humano são mediadas pela cultura, que, nas Ciências Humanas, é entendida a partir de contribuições de diferentes campos do saber. O caráter polissêmico da cultura permite analisá-la como um conjunto de códigos de comunicação, símbolos, artefatos e práticas que moldam a produção, circulação e consumo de sistemas de identidade cultural na vida social. As pessoas, imersas em suas culturas, são ao mesmo tempo agentes e produtos das transformações culturais e sociais de seu tempo.

As diferenças e semelhanças entre indivíduos e sociedades foram construídas ao longo do tempo e em múltiplos contextos. Identificar e compreender essas distinções dentro de seu próprio grupo social e em relação a outros é uma tarefa essencial para os estudantes. Esse exercício de deslocamento para outros pontos de vista é fundamental na formação das juventudes no Ensino Médio, pois os ajuda a superar posturas baseadas na reafirmação exclusiva das referências de seu grupo, possibilitando uma análise mais ampla e empática das realidades sociais.

Essas abordagens estão diretamente relacionadas à Sociologia, um componente essencial para romper as barreiras do comodismo e promover o resgate e a valorização da identidade cultural. Isso é especialmente relevante para as comunidades quilombolas, que frequentemente enfrentam o racismo estrutural e a tentativa de apagamento cultural ao reafirmarem suas identidades.

Desta forma, a comunidade do Abacate da Pedreira (local da gravação do documentário), situada na região de Macapá, no estado do Amapá, carrega em sua história as marcas de um povo acolhedor. A religião sempre desempenhou papel central na vida do povo do Abacate da Pedreira. As festas religiosas são, até hoje, momentos de grande importância espiritual e social para a comunidade. Além desse aspecto, essas festividades representam um tempo de reencontro entre os filhos da terra que vivem fora e os que permanecem. São dias de renovação dos laços afetivos, de resgate cultural. Durante as festas, é comum a realização de

atividades culturais, como rodas de marabaixo, danças típicas e partilhas de comidas tradicionais.

É nesse ínterim que entra a discussão em torno da exibição do documentário *Preparos de Fé*, que mostra a festa de São José, no Abacate da Pedreira, a exibição do vídeo foi proposta como parte do processo pedagógico de uma aula de Sociologia, já previamente articulada aos conceitos de identidade, cultura e o Movimento Negro. O curta-metragem, com 12 minutos e 13 segundos de duração, foi apresentado aos estudantes sem prévia explicação sobre seu conteúdo, sendo apenas informado que se tratava de material relacionado ao objeto de conhecimento em estudo. Assim que o vídeo se iniciou, os estudantes começaram a reconhecer imagens da rodovia AP-70, por onde muitos transitam cotidianamente. Alguns esboçaram surpresa pelo vídeo se tratar da região em que eles moram e principalmente de uma festa religiosa que a maioria participa, tanto do sagrado quanto do profano. Essa reação evidencia a potência da imagem em provocar reconhecimento e identificação, principalmente quando se trata de registros que dialogam com a vivência dos estudantes. A identificação também se deu pela presença de estudantes da própria escola nas cenas do documentário. O sentimento foi de curiosidade. Talvez pelo fato de ver a festa por uma outra ótica, a ótica de se reconhecer parte de uma história.

Figura 1: Documentário “Preparos de Fé”.



Fonte: Marques (2024)³

³ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=juUJRoAkDDQ&t=20s>. Acesso em 04 mai. 2025.

Figura 2: Estudantes assistindo ao documentário.



Fonte: Arquivo Pessoal (2025).

Segundo Hernández (2007), a cultura visual compreende não apenas as imagens que circulam nos espaços midiáticos e artísticos, mas as formas de ver e representar o mundo, atravessadas por discursos, afetos e relações de poder. Ensinar por meio da cultura visual é também ensinar a ver, sentir e interpretar criticamente as imagens que nos rodeiam, ampliando o repertório sensível dos estudantes. No contexto amazônico, isso ganha contornos especiais, pois as imagens construídas sobre a região, muitas vezes veiculadas por olhares externos, tendem a reforçar estereótipos que reduzem as populações locais a categorias fixas e subalternizadas. A educação da cultura visual, articulada ao ensino de Sociologia, permite tensionar essas representações, promovendo uma pedagogia da imagem que ressignifica os modos de ver e estar no mundo.

Tais questões apontam para uma visão do currículo que não tem por base a transmissão de conteúdos predefinidos, mas é construído a partir de uma série de questionamentos que os aprendizes podem ampliar, ao mesmo tempo em que indagam sobre possíveis caminhos para suas respostas. No sentido de esboçar um currículo de cultura visual a partir de perguntas (Hernández, 2007, p. 54).

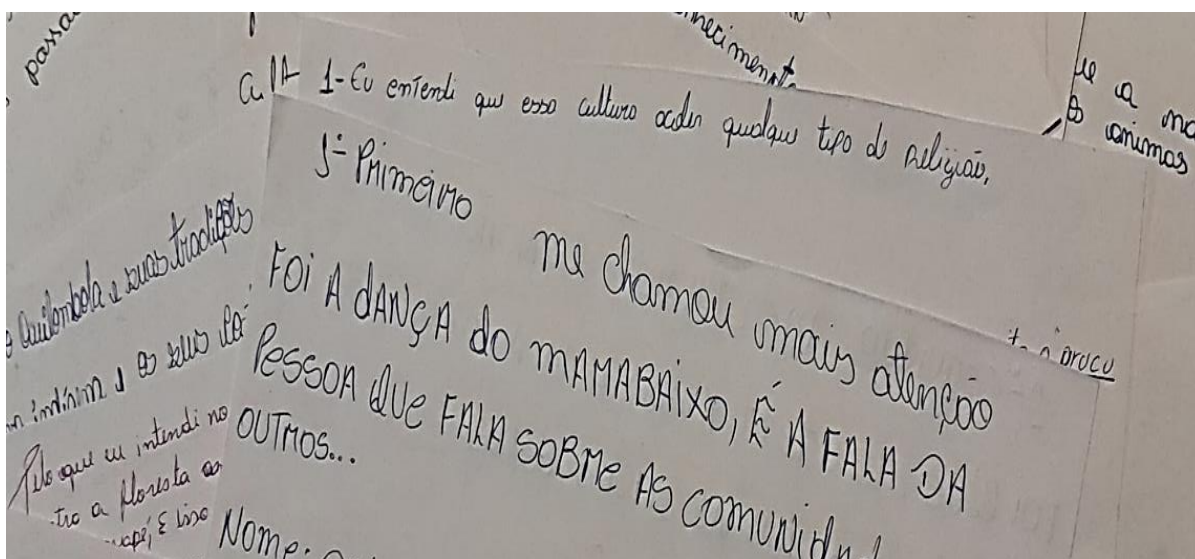
Após a exibição do documentário, foi promovida uma roda de conversa. Nesse momento, os estudantes expressaram livremente o que sentiram ao assistir ao vídeo. Uma das falas chamou especialmente a atenção: “muito legal conhecer a nossa história.” Ao perguntar ao discente “sobre qual história?”, ele respondeu: “a história do santo, pensei que fosse só uma festa no calendário.” A partir desse questionamento, surgiram relatos que revelavam um sentimento de entendimento e pertencimento, especialmente ao perceberem a Amazônia como um lugar de festas tradicionais significativas. Outro estudante comentou: “pensei que só era rock doido”, em referência à dimensão profana da festa, marcada por danças populares e

músicas eletrônicas, frequentemente realizadas no Abacate da Pedreira. A expressão “rock doido” refere-se a festas que contenham músicas eletrônicas dos gêneros tecnobrega e tecnomelody, muito presentes em diversos locais dos estados do Pará e do Amapá.

No entanto, o documentário revelou outras camadas de significado e ancestralidade na festa de São José. A conversa então se concentrou na seguinte temática: “que festa é essa tão bonita que acontece bem aqui, e preparada de uma forma tão organizada”, “que na prática é mais que uma homenagem de um santo”. Assim, os estudantes conceberam um significado a festa, do ponto de vista que é a festa de santo que acontece no Abacate da Pedreira, refletindo a ideia de eles fazem parte dessa história

Nem todos os estudantes conseguiram verbalizar suas impressões, optando pela escrita como forma de expressão.

Figura 3: Escritos dos discentes.



Fonte: Arquivo Pessoal (2025)

Dentre os registros, destacam-se frases que apontam para a dança como elemento de resistência e identidade. “O quilombo é libertação, tradição e dança”; “me chamou mais atenção a dança do marabaixo, e fala das pessoas que falam sobre a comunidade”; “a dança traz alívio para o corpo”; “Marabaixo é cultura e essa cultura é o sangue que circula em minhas veias!” Esses relatos revelam como o marabaixo, dança tradicional afro-amapaense, é compreendido como manifestação cultural profunda e símbolo de resistência histórica para os povos negros e quilombolas.

Autores como Krenak (2019) e Nego Bispo (Santos, 2015) afirmam que essas subjetividades devem ser compreendida como expressão da experiência ancestral, linguagem de mundo e não apenas objeto de contemplação. A imagem, nesse sentido, conecta corpo,

oralidade e território. A literatura de Conceição Evaristo (2017), com sua proposta de escrevivência, também inspira a pensar a imagem como lugar de travessia entre o vivido e o coletivo, entre a memória e a imaginação pedagógica. No caso de *Preparos de Fé*, as imagens retratadas pelos estudantes revelam afetos, memória, identidade e fé. Trata-se de uma produção audiovisual que carrega densidade simbólica e funciona como arquivo vivo da memória coletiva.

Outros registros escritos pelos discentes enfatizaram a importância da festividade em si: “Festa de São José sempre tem que ser festejada, as tradições, como dança e cultura”; “a festividade é muito importante para comunidades e é só uma alegria”; “o que me chamou atenção foi o modo como eles preparam a festa, com amor, com fé, com carinho. Achei muito lindo a história da comunidade Abacate da Pedreira”; “pessoas unidas e de muita fé, interessante que mostra o lugar de onde moram e terem orgulho de pertencer a esse lugar”; “essa cultura acolhe qualquer religião.” Tais registros mostram como a imagem mobiliza pertencimento, afetos e vínculos, funcionando, conforme defende Martins (2010), como um sistema simbólico que ativa sentidos e organiza a experiência.

Ainda emergiram percepções que ressaltaram a relação entre festa, natureza e território. “Mostra a valorização do povo ribeirinho, é muito importante o povo ribeirinho”; “o que me chamou atenção foi pelo fato das pessoas se locomoverem pelo rio com catraio, barcos. E também pessoas pescam no rio.” Essas falas evidenciam a centralidade do rio como elemento estruturante da vida comunitária, apontando para o que Porto-Gonçalves (2006) chama de memória biocultural — a indissociabilidade entre cultura e natureza nos modos de vida amazônicos. Malheiros, Porto-Gonçalves e Micheloti (2021) complementam essa visão ao destacar os horizontes amazônicos como referenciais existenciais e educativos fundamentais para essas comunidades.

Assim, o uso pedagógico de documentários como *Preparos de Fé* permite a interdisciplinaridade entre Sociologia, História e Artes Visuais, promovendo cultural ao integrar o universo simbólico dos estudantes ao conteúdo curricular. Trazer esse material para a sala de aula promove o diálogo entre teoria e território, valorizando os saberes locais e fortalecendo o sentimento de pertencimento e autoestima. Como defende Moraes (2003), é urgente renovar os materiais didáticos da Sociologia com base nos contextos socioculturais dos estudantes.

A imagem, como lembra Martins (2010), deve ser compreendida e tratada como arquivo da memória coletiva, cuja função vai além do estético e alcança o político e o pedagógico. Para Hernández (2007), ela também funciona como mediadora de subjetividades. No caso de *Preparos de Fé*, a imagem não apenas representa, mas produz sentido, criando empatia,

curiosidade e respeito entre quem observa e quem é retratado. E podem ser retratadas como comunidades emocionais, descritas por loureiro (2020) e compreendidas por Marques (2024) como poéticas dos vínculos evidenciam como os afetos e os laços de pertencimento mobilizam modos coletivos de viver e de educar. Tais poéticas dos vínculos são acionadas e tensionadas também no espaço escolar, propondo uma relação com o conhecimento que não é apenas racional, mas sensível, ética e relacional.

Na Amazônia, onde tantas imagens foram produzidas de forma extrativista e colonial, a tarefa da educação é possibilitar outras imagens, feitas com e por quem vive o território. Trata-se de transformar a imagem em experiência sensível, em construção coletiva de sentido e em ferramenta de resistência no espaço escolar.

A interpretação de imagens é uma prática social que mobiliza a memória do ver e entrecruza sentidos da memória social construída pelo sujeito – professor ou aluno – que interpreta. Ao interpretar, indivíduos são influenciados pelo imaginário do lugar social em que vivem, estudam, transitam e aonde vão se inscrevendo. O território visual de onde as pessoas interpretam as coloca num processo de construção de sentidos e significados, processos-atos de interpretação (Martins, 2010, p. 29).

Nesse sentido faz-se necessário pensar o ensino da sociologia alinhado com a educação escolar quilombola. Essa educação emerge como resultado de um processo histórico de luta dos povos quilombolas pela garantia de seus direitos civis, sociais e culturais. Conforme Larchet e Oliveira (2013), a trajetória dos quilombolas no Brasil está marcada por resistências contínuas, dentre elas, a demanda por uma política educacional específica, que reconheça as particularidades dessas comunidades. Ao abordar o currículo escolar quilombola, os autores defendem a centralidade da cultura local e a necessidade de compreender o ser humano como sujeito histórico, inserido em relações com a natureza, com os demais e consigo mesmo. Esse olhar pressupõe que o currículo e as práticas educativas sejam construídos a partir da realidade vivida e das experiências da comunidade.

Para os autores, é fundamental que a escola quilombola atue como um espaço de mediação entre os saberes comunitários e os conhecimentos formais, construindo um currículo que reflita a realidade do território e favoreça a educação integral. Essa proposta implica reconhecer que foram os próprios quilombolas os principais orientadores de como deveria ser essa educação, e que o Estado, ao regulamentar a política, buscou traduzir tais contribuições em normativas legais (Escola Quilombola Estadual Daniel de Carvalho, 2024). Assim, a educação quilombola deve ser construída não apenas *para* os quilombolas, mas *com* os

quilombolas, superando a abordagem meramente técnica e reforçando o protagonismo da comunidade nos processos pedagógicos.

CONCLUSÃO/CONSIDERAÇÕES FINAIS

O documentário *Preparos de Fé* é mais do que um produto audiovisual: é um arquivo afetivo e simbólico que expressa o patrimônio vivo da comunidade Abacate da Pedreira. Pensar sua inserção na escola é reconhecer que a imagem tem força formativa, que o ensino de Sociologia pode (e deve) dialogar com os repertórios culturais locais e que a acessibilidade cultural é também um direito pedagógico.

Iniciativas como essa apontam caminhos para uma educação mais justa, plural e enraizada nos territórios que a sustentam. Em contextos amazônicos e quilombolas, isso significa transformar a imagem em linguagem viva e o ensino em experiência significativa.

Por enquanto nossas conclusões seguem o fluxo das pesquisas e das aulas em sociologia, tendo no horizonte que o ensino de sociologia, em articulação com a educação da cultura visual, pode contribuir significativamente para a ressignificação das Amazônias como territórios de saber, memória e existência (Malheiro; Porto-Gonçalves, Micheloti, 2021).

Vislumbramos uma prática educativa comprometida com o reconhecimento, a escuta e a reparação simbólica de um território historicamente violentado. A imagem, nesse percurso, é ferramenta de construção de pertencimento e de revisão de mundos. O documentário *Preparos de Fé* se mostrou e instigou outros modos de produção do áudio visual e considerando a força das poéticas dos vínculos, enxergamos que as interações em sala de aula, sobretudo esse ensinar vibrante dos encontros existenciais nas comunidades emocionais nas Amazônia podemos ensinar e aprender outras formas de existir no mundo.

A atividade apresentou as experiências estéticas vivenciadas pelos estudantes a partir da exibição do documentário, analisando as categorias discutidas e as percepções dos alunos, com base em suas trajetórias, vivências e referências culturais. Mais do que interpretar o conteúdo, o objetivo é dar visibilidade aos olhares singulares dos estudantes sobre o território, a memória coletiva e a identidade quilombola, criando um espaço de escuta sensível, onde a arte potencializa reflexões críticas e afetivas ligadas ao cotidiano e às experiências dos sujeitos.

A experiência docente ao exibir o documentário experimental *Preparos de Fé* também se configurou como uma vivência estética significativa. À primeira vista, poderia soar como uma simples atividade: “vou passar um vídeo sobre uma festa em um local que os estudantes já conhecem”. No entanto, a potência dessa prática reside no reconhecimento de que a

aprendizagem nas Ciências Humanas e Sociais Aplicadas deve estar orientada para promover uma educação fundamentada em práticas e processos que estimulem o senso crítico, a criatividade e a autonomia dos estudantes, favorecendo sua emancipação social. Esse talvez seja um dos objetivos centrais que nós, enquanto professores de Sociologia, devemos assumir: esgarçar os modos como percebemos nossa ação educativa em sala de aula para ampliar a compreensão de direitos.

A comunidade Abacate da Pedreira, onde se passa o documentário, é historicamente marcada por resistências e reinvenções. Hoje, enfrenta desafios relacionados à intensificação do desenvolvimento econômico e à apropriação de suas terras, o que impacta diretamente a transmissão dos saberes e das práticas culturais tradicionais. Neste contexto, a Escola Estadual Daniel de Carvalho se destaca como um espaço estratégico para a valorização da memória quilombola e para o fortalecimento do sentimento de pertencimento dos estudantes à sua comunidade.

Dessa forma, compreender as estratégias que permitam ressignificar as referências identitárias — mediadas pelo direito aos sentidos da acessibilidade cultural — torna-se uma tarefa urgente.

Diante dos desafios enfrentados no ensino de Sociologia e das reflexões advindas da prática pedagógica com o documentário *Preparos de Fé*, reafirma-se a necessidade de reconhecer o contexto local. Esse direito está intimamente vinculado às experiências e à valorização da identidade quilombola no estado do Amapá. A produção cultural da Amazônia amapaense é profundamente marcada por narrativas, rituais e expressões que demandam um olhar atento para sua preservação e continuidade.

Por fim, a Educação Quilombola deve ter como referência os valores sociais, culturais, históricos e econômicos das comunidades, tornando a escola um espaço de diálogo entre o conhecimento acadêmico e a realidade local. Isso inclui a valorização da cultura, da luta por direitos territoriais e da sustentabilidade. Nesse contexto, o estudo busca compreender como o processo de implantação dessa modalidade educacional no Amapá pode ser integrado ao trabalho em sala de aula, promovendo tanto a capacitação profissional quanto o fortalecimento da identidade cultural dos estudantes.

REFERÊNCIAS

CUSTÓDIO, E. S; SOUZA, S. R. de; ALMEIDA, M. das D. do R. História, cultura e identidade: olhares sobre comunidades quilombolas do Amapá. Projeto História, São Paulo, v. 66, pp. 220-254, Set.-Dez., 2019. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/revph/article/view/43093>. Acesso em 25 nov. 2024.

ESCOLA QUILOMBOLA ESTADUAL DANIEL DE CARVALHO. **Projeto Político Pedagógico – Saberes Quilombolas: Educação, Cultura e Resistência** em Santo Antônio da Pedreira, Macapá-AP. Macapá. SEED-AP. 2024.

EVARISTO, C. **Becos da Memória**. Rio de Janeiro: Pallas. 2017.

HERNÁNDEZ, F. **Catadores da cultura visual**: transformando fragmentos em nova narrativa educacional. Porto Alegre. Mediação. 2007.

KRENAK, A. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das letras. 2019.

MALHEIRO, B. C.; PORTO-GONÇALVES, C. W.; MICHELOTI, F. **Horizontes Amazônicos**: para repensar o Brasil e o mundo. São Paulo: Expressão Popular, v. 1. 2021.

MARQUES, S. preparos de fé. [vídeo]. youtube, 15 mar. 2025. disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=juujroakddq>. acesso em: 25 mar. 2025.

MARTINS, R. Hipervisualização e territorialização: questões da cultura visual. **Educação & Linguagem**. v. 13. n. 22. p. 9-31, jul.-dez. 2010. Disponível em: <chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcgclefindmkaj/https://core.ac.uk/download/pdf/229050672.pdf>. Acesso em: 25 mar. 2025.

MORAES, A, Licenciatura em ciências sociais e ensino da sociologia: entre o balanço e o relato. **Dossiê Ensino Superior**. Tempo soc. 15. Abr 2003. <https://doi.org/10.1590/S0103-20702003000100001>. Acesso em: 25 mar. 2025.

PAES LOUREIRO, João de Jesus de. **Cultura Amazônica**: uma poética do imaginário. 5. ed. Manaus: Editora Valer, 2019.

PEREIRA, M. V. O limiar da experiência estética: contribuições para pensar um percurso de subjeção. **Pro-Posições**, Campinas, v. 23, n. 1 (67), p. 183-195, jan./abr. 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-73072012000100012>. Acesso em: 16 abr. 2025.

PORTO-GONÇALVES, C. W. **A globalização da natureza e a natureza da globalização**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

SANTOS, A. B. dos. **Colonização, Quilombos**: modos e significações. Brasília, DF: INCTI - UnB, 2015.

SECRETARIA ESTADUAL DE EDUCAÇÃO. **Referencial Curricular Amapaense**. Ensino Médio. Amapá: SEED, 2020.